
CONTEMPORANEIDADE, PESQUISA SOCIAL E IMAGINÁRIO

CONTEMPORANEITY, SOCIAL RESEARCH AND IMAGINARY

CONTEMPORANEIDAD, INVESTIGACIÓN SOCIAL E IMAGINARIO

*Mário de Faria Carvalho**
*Fernando da Silva Cardoso***

Resumo: A complexidade dos fenômenos contemporâneos tem requerido abordagens não redutoras como alternativas ao conhecimento da realidade social. É nesse sentido que o presente artigo discute as interfaces entre contemporaneidade, Pesquisa Social e Imaginário. Objetiva-se apresentar aportes teórico-metodológicos à construção do conhecimento na contemporaneidade a partir da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand. As premissas formuladas nesse estudo apontam que a Teoria do Imaginário, aliada à Pesquisa Social, possibilita a formulação de um saber fundado na convergência dos símbolos, na harmonização de contrários, num eterno devir.

Palavras-chave: Contemporaneidade; pesquisa social; imaginário.

Abstract: The complexity of contemporary phenomena has required non-reducing approaches as alternatives to the knowledge of social reality. In this sense, this article discusses the interfaces between contemporary, Social Research and Imaginary. The objective is to provide theoretical and methodological contributions to the construction of knowledge in the contemporary world from the imaginary Gilbert Durand's theory. The assumptions made in this study indicate that Imaginary Theory, together with the Social Research, enables the development of knowledge based on the convergence of symbols, harmonization of opposites, an eternal becoming.

Keywords: Contemporaneity; social research; imaginary.

Introdução

Na contemporaneidade, a tecnologia permite a união entre o sensível e o conhecimento científico, ressalta as dimensões apolínea e dionisíaca (NIETZSCHE, 1994) e o caráter plural da existência. Segundo Maffesoli (1996), a tecnologia alimenta o Imaginário e este nos remete aos mitos, aos sonhos e às fantasias. Viver os sonhos é a realidade e o real é múltiplo e reformulado segundo os desejos do presente, o instante perpétuo regido pelo deus Dioniso. Um novo saber viver, integrando na vida o vestígio do novo e do sensível a cada instante; fora de todos os limites econômicos e, igualmente, fora dos excessos do racionalismo determinista. Considerar a

criação da vida enquanto abertura às experiências cotidianas e à integração homem/natureza. Exclusão do caráter linear e progressista da existência, da vida projetada para o futuro distante; ao contrário, considerar sua dimensão cíclica e espiralada.

A pluralidade que permeia as *socialidades* induz à riqueza comportamental e suas derivações; fusões de gênero(s), hedonismos e contestações¹ juvenis. A forma, *eidos*, sobrepõe o conteúdo ou o próprio conteúdo é a forma. A Estética está relacionada ao compartilhamento das emoções, à pluralidade da existência, assim é cimento social, a união entre conhecimento, emoção, natureza e imaginário.

Estas experiências podem ser traduzidas em forma de música, dança e teatro. Aqui estão algumas ideias que nós podemos abordar relevando a dimensão sensível dos fenômenos, fazendo uso da razão sensível do imaginário.

Uma das estruturas que fundam a dimensão sensível da realidade e da existência está relacionada com as formas pelas quais é produzido o conhecimento. Na contemporaneidade, a natureza do social, as relações entre sujeito e cotidiano, entre a ação e seus sentidos e significados, são valores que, quando incorporados no processo de conhecimento dos fenômenos sociais, podem levar à junção sensível entre imaginário e saber.

Portanto, é sobre a possibilidade de inserirmos metodologias sensíveis e não redutoras do processo de investigação da realidade que nos debruçamos nesta pesquisa. Assim, são questões que fundam a presente discussão: A pesquisa social pode encontrar na Teoria do Imaginário subsídios à superação do cartesianismo na produção do conhecimento? Que aportes metodológicos podem subsidiar a produção do conhecimento a partir da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand?

Sobre o redimensionamento sensível da produção do saber na pesquisa social

Diferentes e novas abordagens da realidade compõem a dinâmica da Pesquisa Social. De fato, a complexidade dos fenômenos contemporâneos tem requerido estratégias que superem o simples reducionismo do campo e dos atores sociais. No entanto, a retomada da discussão dos elementos teóricos e metodológicos da produção do conhecimento nem sempre tem significado na apresentação de métodos e técnicas sensíveis à integração e ao encontro com os sujeitos e as experiências sociais.

Essa premissa funda a necessidade de ser novamente discutido, na contemporaneidade da Pesquisa Social, o jogo relacional em que pesquisador², campo e ator social se colocam. A nosso ver, esse elo diz muito sobre o modo como o saber contemporâneo é arquitetado. Apresentamos algumas premissas sobre esses aspectos.

A percepção e o tratamento sensível da complexidade³ contemporânea são elementos que podem redimensionar a produção do saber. Esse aspecto exige do pesquisador, segundo Ranci (2005), o posicionamento da diversidade como subsídio ao encontro de uma comunicação entre linguagens e culturas anteriormente desconhecidas. Mais que nunca, o redimensionamento da produção do saber necessita contemplar referenciais para além de parâmetros científicos iminentemente cartesianos e positivistas. Afinal, o saber “modernamente idealizado” nega, muitas vezes, a participação ativa dos atores sociais na formulação do conhecimento.

Assim, as ideias decorrentes deste primeiro elemento de discussão, e sua relação com a Pesquisa Social, evidenciam-nos e dialogam com um ideal de Ciência que seja alternativo aos modelos etnocêntricos⁴ do fazer científico, assinalam para abordagens não redutoras da pesquisa.

Ao afastarmos a hipótese racionalista de neutralidade científica, passamos a considerar o conhecimento como sendo resultante deste (re) posicionamento e dos discursos dos sujeitos no corpo social. Logo, não existe um lugar fixo ou superior para as ideias alcançadas a partir dessa incursão, seja na pesquisa em si ou em relação a outros saberes.

Nesse sentido, as contribuições advindas deste modo de pensar/materializar a Pesquisa Social refletem diretamente uma formulação mais próxima à construção do conhecimento científico na contemporaneidade, onde: o real é a realidade que se conhece (MINAYO, 2000). Esta é uma segunda premissa essencial ao redimensionamento sensível da produção do saber, a qual depende diretamente da ideia de que a visão de mundo dos atores sociais esteja implicada em todo o método, desde a concepção do objeto, até o resultado final do trabalho de investigação. E, ainda, que esta construção metodológica da pesquisa se afaste de um parâmetro absoluto e hegemônico do fazer científico.

Santos (1995) pormenoriza a ordem científica hegemônica caracterizada por essa constância cartesiana, descreve os sinais da crise dessa hegemonia, distinguindo as condições teóricas e as condições sociológicas da crise, e, finalmente, especula sobre o perfil de uma nova ordem científica emergente. A crítica formulada pelo teórico guia-nos a um terceiro elemento a ser pensado nesse processo de rupturas epistêmicas e metodológicas da produção do saber: a revalorização do senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos.

Afinal, a implantação pelas Ciências Sociais de formas de positivismo lógico ou empírico fomentou – e ainda fomenta – um modelo de racionalidade que ordena o saber moderno, um modelo global, no qual o novo cartesianismo científico é também:

um modelo totalitário, na medida em que **nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas**. É esta a sua característica fundamental e a que melhor simboliza a ruptura do novo paradigma científico com os que o precedem (SANTOS, 1995, p. 10, grifo nosso).

Pautada em atitudes mentais características de seu modelo cartesiano: a uniformidade do pensamento verdadeiro, na quantificação em detrimento da qualificação e no método “fragmentar para entender”, o saber contemporâneo ainda carece de apontamentos que conduzam a uma relação de reciprocidade entre sujeito e objeto, pois, o sujeito é uma extensão do objeto.

O rigor científico que impera na produção do conhecimento contemporâneo cada vez mais se aproxima de um protótipo de verdade mensurável quantitativamente. O que desprezaria, segundo Santos (1995, p. 10), as qualidades intrínsecas do objeto, em outras palavras, seus aspectos seriam desqualificados e em seu lugar passariam a imperar as quantidades em que eventualmente podem ser traduzidos. Compreendemos que as abstrações oriundas do processo de produção do conhecimento da realidade não podem negar a própria cultura e a história nas quais o pesquisador social está inserido, ou seja, não podem se dar a partir de um processo de pura racionalização.

Levantadas as premissas e críticas acima, também é necessário referirmo-nos a importância da posição ocupada pelo pesquisador⁵ na busca por evidenciar a subalternidade de saberes e sujeitos no processo de investigação social.

O reconhecimento da importância do lugar ocupado pelos atores sociais na formulação do saber contemporâneo ganha relevância no presente estudo. Lincoln e Guba (2006) afirmam que a posição social e o olhar dos sujeitos na leitura da contemporaneidade evidenciam a partir de quê e como é possível construir-se sentidos e significados sobre a realidade, cada vez mais dialógicos.

A Pesquisa Social contemporânea necessita ser confluyente. Essa é mais uma importante premissa que formulamos a partir do pensamento dos autores. O destaque à posição ocupada pelos atores sociais na produção do saber trabalha a reconciliação, construtiva e negociada, desse processo. É nessa relação que as diferentes perspectivas de mundo passam a compor o conhecimento que consideramos emergente e começam a alcançar a noção de consenso entre saberes.

É necessário ser fornecida à Pesquisa Social contemporânea uma lógica não positivista da produção do conhecimento, uma abordagem que privilegie o entendimento de que: “o objeto das ciências sociais é complexo,

contraditório, inacabado, e em permanente transformação” (MINAYO, 2000, p. 17). E, por isso, o campo e os atores sociais podem contribuir na mediação de questões subjetivas do pesquisador, que influenciam o processo de conhecimento da realidade, assim como podem confluir para um saber diverso e não reducionista.

Existe um importante potencial dos arranjos da Pesquisa Social na redefinição dos espaços ocupados pelo pesquisador e pelo ator social. Afinal, os “pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo no conhecimento dos fatos sociais” (MINAYO, 2001, p. 26). Desse processo surgem significações e interpretações sobre o campo, igualmente relevantes para o conhecimento dos fatos sociais estudados.

Desse modo, a ideia de participação ativa do ator social no processo cognoscitivo proposta por Ranci (2005), a nosso ver, é fundamental para o abandono da imagem de um “mundo físico, onde se acredita estar em uma situação separada e distinta da que se deseja conhecer”, construindo assim um mundo ligado ao conhecedor. Esta é uma última premissa que apresentamos nesta parte da pesquisa.

Portanto, propomos que a atuação de diferentes atores na Pesquisa Social pode ser compreendida como uma confirmação de que o conhecimento da realidade, enquanto atividade básica das Ciências é uma ação de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota. A Pesquisa Social contemporânea necessita significar nas interfaces entre aquilo que o pesquisador acredita saber e aquilo que o campo e os sujeitos oferecem-no.

A teoria do imaginário de Gilbert Durand: expressões da ordem sensível da existência

Nosso imaginário pode nos conduzir a dimensões onde fabulosas criaturas e situações parecem resistir a todas as tentativas de definições racionais. Palavras como símbolo, mito, sonho, fantasia, alegoria, imaginação transcendem o racionalismo restrito.

O cotidiano é dinâmico, é um processo onde o imaginário, formalizado por arquétipos, símbolos e mitos, é a própria articulação da nossa existência. Assim, as manifestações culturais e sociais são fenômenos importantes para empreender pesquisas sobre a imaginação simbólica de uma determinada sociedade. É no imaginário que podemos encontrar a identidade mítica de uma dada realidade.

Gilbert Durand (2002) define o imaginário como:

o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens* – aparece-nos como grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano (DURAND, 2002, p. 18).

Sua teoria é formulada sobre a noção de “trajeto antropológico do imaginário”, ou seja, a constante troca entre os desejos individuais e assimiladores e o exterior, seja ele cósmico ou social, que imprimem suas características sobre as pessoas. O homem constitui assim seu imaginário, com seus mitos e seus símbolos e organiza o mundo ao seu redor.

Durand (2002) releva que o imaginário humano constitui o conector inevitável pelo qual se formula todas as representações humanas, pois, para ele, o pensamento humano é *re*-apresentação, quer dizer, ele é formado por articulações simbólicas. Ele completa afirmando que o imaginário institui a dominação do espírito sobre o mundo.

Segundo ainda Durand (2002), diante da angústia do tempo e da morte, o ser humano pode, no nível do imaginário, ter duas posturas que se estruturam em oposição uma em relação à outra. Ele classifica então o imaginário em dois grandes Regimes da imagem, o Diurno e o Noturno. Estas categorias da imaginação ajudam a acomodar as pessoas, as culturas, enfim, as sociedades de acordo com suas tendências do imaginário respectivas. Os dois Regimes se subdividem em três diferentes estruturas, heroica para o Regime Diurno, mística e sintética para o Regime Noturno.

A estrutura heroica é aquela dos combates dos heróis contra os “monstros”, que podem ser, no nosso cotidiano, a nível simbólico, a violência, um político, o chefe, um vizinho. A posição dominante é a vertical, do corpo ereto, “endireitado”. Invoca as imagens de ascensão, de conquista, de “endireitamento”, de afirmação, do espetacular, da purificação, de combate, de ruptura, do dia, da luminosidade. Os símbolos são as armas em geral; flechas, espadas, adagas, etc.

Na estrutura mística, ao contrário, não existe mais o combate contra os “monstros”, mas uma tendência a acalmá-lo, atenuando sua violência, minimizando-a pela eufemização. É a correspondência com o reflexo da “nutrição”, da “digestão”, da junção das imagens de profundezas, de união, de descida, da noite, do engolir, da intimidade, do refúgio, da sombra. Os símbolos são as Mães, as grutas, as taças, os cofres, as moradias, etc.

A estrutura sintética, enfim, harmoniza as oposições (*coincidentia oppositorum*), é histórica e progressista, do tempo positivo e seus diversos ciclos. O tempo cíclico das festas enquanto regeneração, como o carnaval a as festas juninas. As imagens são do ritmo, da copulação, da dialética, das estações do ano, da articulação entre o dentro e o fora, da conciliação, da mediação, do eterno retorno. Os símbolos são a espiral, os ofidanos, a roda, o fuso, a *baratte*, a corrente, a trama, etc.

O imaginário é a força dinâmica com a qual o homem dá forma ao mundo, imagina-o, dá um sentido à vida. É pelo imaginário e pelas criações artísticas que o ser humano consegue dar forma aos aspectos mais evanescentes, mais sensíveis da vida. Estas imagens são vetores do imaginário, dos instantes vividos, da transformação da existência em

quimeras, da valorização dos sentimentos e dos aspectos mais fantasiosos da vida. É uma maneira poética de transcendência, de criação coletiva, de força que edifica e revigora o homem diante das dificuldades da existência.

Pesquisa social e teoria do imaginário: um busca de um conhecimento sensível à realidade imediata

No que concerne os diferentes fenômenos sociais, artísticos, culturais e as dinâmicas das sociedades contemporâneas, os métodos do Imaginário permitem uma abordagem sensível, não de causalidade ou determinista, aos diferentes campos de pesquisa⁶. É a partir dos aportes teórico-metodológicos trazidos por essa Teoria que buscaremos pensar a Pesquisa Social na contemporaneidade.

A partir dos trajetos antropológicos constituídos pelos símbolos e variações de arquétipos, Gilbert Durand apresenta o Método de Convergência das imagens ou conjunto de imagens constantes formadas por símbolos convergentes, segundo o autor:

São esses conjuntos, essas constelações em que as imagens vêm convergir em torno de núcleos organizadores que a arquetipologia antropológica deve esforçar-se por distinguir através de todas as manifestações humanas da imaginação (DURAND, 2002, p. 43).

Desse modo, o Método que guia a Pesquisa Social, na perspectiva da Teoria do Imaginário, pode assumir a característica de uma investigação pragmática, de convergência. A partir dele o sujeito que se propõe a conhecer a realidade imediata não se limitaria a preconceitos metafísicos, de caráter meramente analógico, relacionar-se-ia com a convergência na qual a realidade é encontrada em "uma constelação de imagens semelhantes termo a termo em domínios diferentes do pensamento" (DURAND, 2002, p. 43).

Podemos citar igualmente como Método, a Mitodologia, criada por Durand, que consiste na observação dos mitos diretivos presentes nas diferentes manifestações culturais. A Mitodologia se divide em duas formas de análise de obras diversas situadas no tempo:

A Mitocrítica, que analisa uma obra ou um texto (inclusive de história de vida) a partir das redundâncias que remetem aos mitos diretivos em ação. A Mitoanálise, que vai situar os resultados da mitocrítica em um contexto sociocultural definido. (PITTA, 2005, p. 38).

Assumindo uma perspectiva de complementariedade, a Mitodologia, assim como o Método de Convergência, pode oferecer à

Pesquisa Social a organização do processo de abordagem da realidade tendo como fundamento as dimensões de representação, função e simbolismo que os fatos sociais e suas imagens imediatas representam.

O Imaginário, enquanto trajeto teórico-metodológico da Pesquisa Social contemporânea, por seu poder de criação, induziria à relação entre pesquisador, campo e atores sociais como sendo a máxima de que “imaginar é um ato de liberdade” (PITTA, 2005, p. 39).

A classificação isotópica das imagens⁷ sintetiza o movimento pelo qual o pesquisador pode se aproximar dos sentidos e significados imediatos que a realidade aduz:

Tabela 01: **Classificação Isotópica das Imagens**

| REGIMES OU POLARIDADES | DIURNO | | NOTURNO | | |
|---|---|--|---|--|---|
| | Estruturas | ESQUIZOMÓRFICAS (ou heróicas) 1ª Idealização e “recuo” autístico. 2ª Diaretismo (<i>Spaltung</i>). 3ª geometrismo, simetria, gigantismo 4ª antítese polêmica | SINTÉTICAS (ou dramáticas) 1ª coincidência “oppositorum” e sistematização 2ª dialética antagonista, dramatização 3ª historização 4ª progressismo radical parcial (ciclo) ou total | MÍSTICAS (ou antifrásicas) 1ª redobramento e perseveração 2ª viscosidade, adesividade antifrásica 3ª realismo sensorial 4ª miniaturização (Gulliver) | |
| Princípios de Explicação e de Justificação ou Lógicos | Representação objetivamente heterogeneizante (antítese) e subjetivamente homogeneizante (autismo). Os Princípios de EXCLUSÃO, de CONTRADIÇÃO, de IDENTIDADE funcionam plenamente. | Representação dicrônica que liga as contradições pelo fator tempo. O Princípio de CAUSALIDADE, sob todas as suas formas (espec. FINAL e EFICIENTE), funciona plenamente. | Representação objetivamente homogeneizante (perseveração) e subjetivamente heterogeneizante (esforço antifrásico). Os Princípios de ANALOGIA, de SIMILITUDE funcionam plenamente. | | |
| Reflexos Dominantes | Dominante POSTURAL com os seus derivados <i>manuais</i> e o adjuvante das sensações à distância (vista, audiofonação). | Dominante COPULATIVA com os seus derivados motores <i>rítmicos</i> e os seus adjuvantes sensoriais (quinésicos, músico-rítmicos, etc). | Dominante DIGESTIVA com os seus adjuvantes <i>cenestésicos, térmicos</i> e os seus derivados <i>táteis, alfativos, gustativos</i> . | | |
| Esquemas “verbais” | DISTINGUIR | | LIGAR | | CONFUNDIR |
| | Separar ≠ Misturar | Subir ≠ Cair | Amadurecer Progredir | Voltar Recensear | Descer, Possuir, Penetrar |
| Arquétipos “Atribuídos” | Puro ≠ Manchado Claro ≠ Escuro | Alto ≠ Baixo | Para a frente, futuro | Para trás, passado | Profundo, Calmo, Quente, Íntimo, Escondido. |
| Situação das “categorias” do jogo de Tarô | O GLÁDIO | (O Cetro) | O PAU | O DENÁRIO | A TAÇA |

| | | | | | | |
|------------------------------------|--|---|--|---|---|---|
| Arquétipos "Substantivos" | A Luz ≠ As Trevas O Ar ≠ O Miasma A Arma Heróica ≠ A Atadura O Batismo ≠ A Mancha | O Cume ≠ O Abismo. O Céu ≠ O Inferno O Chefe ≠ O Inferior. O Herói ≠ O Monstro. O Anjo ≠ O Animal. A Asa ≠ O Réptil. | O Fogo- Chama. O Filho. A Árvore. O Germe. | A Ronda. A Cruz. A Lua. O Andrógino. O Deus plural. | O Micro- cosmo. A Criança, o Polegar. O Animal <i>gigogne</i> . A Cor. A Noite. A Mãe. O Recipiente. | A Morada. O Centro. A Flor. A Mulher. O Alimento. A Substância. |
| Dos Símbolos aos Sistemas | O Sol, O Azul celeste, O Olho do Pai, As Runas, O Mantra, As Armas, A Vedação, A Circuncisão, A Tonsura, etc. | A Escada de mão, A Escada, O Bétilo, O Campanário O Zígrate, A Água, A Calhandra, A Pomba, Júpiter, etc. | O Calendário, Aritmologia, a Triade, A Tétrade, A Astrobiologia A Iniciação, O "Duas-vezes nascido", A Orgia, O Messias, A Pedra Filosofal, A Música, etc. | O Sacrifício, O Dragão, A Espiral, O Caracol, O Urso, O Cordeiro, A Lebre, A Roda de fiar, O Isqueiro, A <i>Baratte</i> , etc. | O Ventre, Engolidores e Engolidos, Kobolds, Dáctilos, Osíris, As Trinta, As Pedras Preciosas, Melusina, O Véu, O Manto, A Taça, O Caldeirão, etc. | O Túmulo, O Berço, A Crisálida, A Ilha, A Caverna, O Mandala, A Barca, O Saco, o Ovo, o Leite, O Mel, O Vinho, O Ouro, etc. |

Fonte: Durand (2002, p. 441).

Constituída pela abordagem sensível dos fenômenos sociais, a Teoria do Imaginário apresenta um importante instrumento à apreensão das sensações e das ideias que perfazem os trajetos da Pesquisa Social. Uma das maneiras de abordagem de como um grupo social ou uma pessoa lida com a angústia do tempo e contra a presença inelutável da morte é o Teste de Nove Elementos ou Teste AT-9, instrumento metodológico composto de nove elementos arquetípicos, criado pelo psicólogo Yves Durand a partir das "estruturas antropológicas do imaginário".

Na abordagem proposta pelo Teste é solicitado ao entrevistado a composição de um desenho com os nove elementos que compõem o instrumento: uma queda, uma espada, um refúgio, um monstro devorador, um elemento cíclico, um personagem, água, um animal (ave, peixe, réptil ou mamífero), fogo. Em seguida deve ser relatada a estória do desenho. Ao término da estória deve ser respondido um questionário sobre a composição realizada com os nove elementos: qual a inspiração, a relação do entrevistado com a cena criada, etc.

Finalizando o teste é solicitado o preenchimento de uma tabela com os nove elementos e três colunas:

Na coluna A, escrever como foi representado cada elemento;

Na B, qual a função representada por cada um dos nove elementos;

Na C, o que simboliza cada elemento desenhado.

O teste AT-9 permite, em um determinado contexto, ressaltar os símbolos predominantes, tanto individual, como coletivamente. A estrutura do imaginário do indivíduo ou do grupo pode ser observada a

partir dos símbolos, ou da relação entre eles, presentes no teste. A partir das convergências das imagens na estória apresentada no desenho, podemos observar a estrutura do imaginário. É dessa forma que o pesquisador social pode, de modo sensível e dialético, estabelecer uma importante relação entre o campo e os atores sociais.

O teste permite ao final, a observação da dimensão simbólica representada pelos desenhos (o conhecimento como sendo resultado/ produção ativa dos atores sociais), pelo questionário e pela classificação das imagens (interação entre pesquisador, campo de pesquisa e o reconhecimento do imaginário dos sujeitos que dele fazem parte).

A partir desse trajeto de representações (Método, Abordagem e Instrumento), a apreensão da realidade, a partir da Teoria do Imaginário se dá de forma sensível, ultrapassando o mero raciocínio, que, supostamente, constrói o conhecimento da realidade imediata. Com base nesse processo de aproximação com os fatos sociais, a Teoria do Imaginário, aliada à Pesquisa Social, possibilita a formulação de um saber fundado na convergência dos símbolos, na harmonização de contrários, num eterno devir.

Considerações finais

Os aspectos sensíveis da vida, prazeres, festas, brincadeiras, a imaginação ou a dimensão dionisíaca da existência foram negligenciados enquanto possibilidades de fontes de conhecimento durante a modernidade. A razão, considerada fonte de todo conhecimento, determinava as diretrizes das ciências. O saber foi construído a partir do racionalismo dialético socrático, método mais eficaz para a descoberta da “verdade”, única e incontestável. Platão, que “nos fala pela boca de Sócrates” (SUASSUNA, 2009, p. 43), deu prosseguimento aos ensinamentos do seu mestre, seguidos por Aristóteles, por sua vez pupilo de Platão. Na Idade Média, o tomismo (São Tomas de Aquino) baseado no racionalismo aristotélico e, posteriormente, as teorias de Galileu e Descartes, “pais da física moderna”, prosseguem com o iconoclasmo no ocidente. Prevalece a lógica do terceiro excluído, com apenas duas possibilidades, uma falsa e outra verdadeira. A lógica binária e dicotômica é valorizada e a imagem considerada irracional e falsa.

Assim, as noções de verdade e de realidade no ocidente são consequências do racionalismo “endêmico” e científico modernos. O cientificismo determinista é incapaz de acompanhar o dinamismo social contemporâneo; as criações de um novo existir que recupera o sensível, marginalizado na modernidade.

A observação da vida social fundamentada por um método sensível, que considera as dimensões mítica e simbólica, permite a compreensão dos fenômenos sociais da atualidade. A vida social e suas criações são plenas de

símbolos, cujas interações não podem ser abordadas por hermenêuticas redutoras, como o positivismo, o estruturalismo ou o cartesianismo.

Desse modo, o mundo racional e masculino cede lugar ao sensível e ao feminino, conjugando novas formas de existência, plurais, não mais excludentes, mas “includentes”. A feminização da existência permite o florescimento de uma “ciência poética” e contemplativa como a Teoria do Imaginário de Gilbert Durand. De acordo com Maffesoli:

À penetração do mundo vai, portanto, suceder a contemplação do mundo. Retomando as categorias de Gilbert Durand, o símbolo do gládio, instrumento ativo, cede lugar ao da taça, do oco, da vacuidade. Talvez seja assim que convém compreender o que chamei de feminização do mundo. Isto é, o retorno de um outro modo de referir-se ao mundo, de outra maneira de ver a criação. Algo que não tenha a brutalidade da razão instrumental, mas se contente com acompanhar aquilo que cresce lentamente em função de uma razão interna (*ratio seminalis*) (MAFFESOLI, 1998, p. 116).

Portanto, as discussões e o levantamento de premissas sobre os aportes teórico-metodológicos da Teoria do Imaginário à Pesquisa Social, nos levam a identificar algumas confluências que, a nosso ver, necessitam ser refletidas nesse processo:

- Há no método e nos instrumentos propostos pelo Imaginário a possibilidade de uma abordagem alternativa à produção do conhecimento, de apoio à utilização de novos paradigmas na pesquisa social, e não mais aqueles positivistas e redutores dos fenômenos sociais;
- A partir da Teoria do Imaginário, a Pesquisa Social, em qualidade, favorece a importância do campo e dos atores. Os situa como elementos de re-criação e de interpretação de esquemas explicativos do cotidiano, capazes de colocar à prova o próprio percurso metodológico da pesquisa, com vistas a uma abordagem sensível da realidade; e,
- O possível encontro entre diferentes saberes, grupos e culturas, que redefine identidades, posturas e posições de poder no processo de produção do saber, pode ser alcançado a partir de critérios de base dialógica, assim como aqueles propostos a partir da Teoria do Imaginário, no campo da Pesquisa Social;

Portanto, é preciso encurtar distâncias de modo a reposicionar os saberes contemporâneos, permitindo que a representação do campo e a fala dos atores sociais, tão subalternizados na construção do conhecimento moderno, possam ser realçados na Pesquisa Social atual.

Notas

* Doutor em Ciências Sociais pela Université de Paris V, Sorbonne. Professor da Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisador no Centre d'Etude sur l'Actuel et le Quotidien (CEAQ)

e do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário. Coordenador do Laboratório de Pesquisas Transdisciplinares sobre Moda. E-mail: mariofariacarvalho@gmail.com

** Mestre em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Centro Universitário do Vale do Ipojuca. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Educação em Direitos Humanos da UFPE. Pesquisador do Grupo de Pesquisas de Educação em Direitos Humanos, Diversidade e Cidadania e do Grupo de Pesquisa sobre Direitos Humanos, Poder e Cultura em Gênero e Sexualidade (Diversiones). E-mail: cardosodh8@gmail.com

¹ Como o movimento “Ocupe Estelita”, no Recife, Pernambuco. Movimento que surge em protesto ao projeto de reurbanização de um dos antigos cais da cidade, o José Estelita. Artistas, intelectuais, universitários, alunos e professores, congregam os valores da contemporaneidade; não ao desenvolvimentismo, às segregações urbanas, aos grandes projetos do “futuro” e sim à união, à arte, aos desejos e respeito ao arcaico, o que fundamenta a vida, ao *arché* pré-socrático. O movimento tem sua estética, é resultado da união de desejos, sinergia, e pode ser traduzido em arte e poesia contra a razão e o progresso.

² Esse texto é pensado a partir da flexão de gênero(s). Para além da construção textual, no masculino, assumimos e reconhecemos a importante contribuição feminina na produção do saber.

³ Entendemos a noção de complexidade como sendo a imagem de teias sociais, permanentemente mutáveis e incertas, que compõem o *societal* e o *quotidiano*.

⁴ Tomamos esta concepção enquanto uma visão de mundo e do *outro* na qual o pesquisador toma a si próprio como centro de todo o processo de investigação. Ainda, como sendo uma ideia a partir da qual se pensa a pesquisa única e exclusivamente com base em concepções pessoais, na qual nega-se aos atores sociais qualquer possibilidade de *ser e pensar* a sua atuação na produção do conhecimento.

⁵ O autor confere especial discussão à condição de como o pesquisador “observa o jogo no campo de pesquisa”, ou seja, entende a relação entre pesquisador e ator social como sendo “negociada”.

⁶ Áreas do Conhecimento como a Antropologia, a Comunicação, a Educação, a Psicologia, o Urbanismo, a Linguística, a História, a Sociologia, em Artes e nas Organizações, são alguns exemplos de espaços de discussão e pesquisa que têm se utilizado deste aporte teórico-metodológico.

⁷ Esta classificação proposta por Durand (2002) representa o quadro síntese da Teoria do Imaginário: os dois grandes regimes, as três estruturas, os símbolos, os arquétipos, os reflexos dominantes e os *schèmes*.

Referências

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário:** introdução à arquetipologia geral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LINCOLN, Yvonna; GUBA, Egon. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 169-192.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências.** Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Elogio da razão sensível.** Petrópolis: Vozes, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2000.

_____. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **La naissance de la tragédie.** Paris: Librairie Générale Française, 1994.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand.** Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

RANCI, Costanzo. Relações difíceis: a interação entre pesquisadores e atores sociais. In: MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva:** pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 43-66.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética.** 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as Ciências.** São Paulo: Cortez, 1995.

Recebido em: junho de 2015.

Aprovado em: julho de 2015.